CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E INCLUSÃO: Reflexões sobre estratégias pedagógicas e lúdicas no processo de ensino da escrita e da leitura para crianças com dificuldades de aprendizagem.

Jeane vieira de Souza[1]

Eixo temático: 3. Alfabetização, diversidades e inclusão

Resumo:

Todas as crianças têm o direito de serem educadas na sala de aula formal de uma escola, que proporcione uma experiência de qualidade, um ambiente rico e educacional que atenda às necessidades instrucionais de cada aluno. Dentro dessa perspectiva, é importante que o professor considere o valor da ludicidade como uma atividade de ensino que tem um propósito construtivo, pode ajudar o professor, a escola, a família e, principalmente, o aluno. Este estudo buscou refletir sobre as estratégias pedagógicas e os recursos metodológico de caracter lúdico utilizados para a alfabetização e letramento na inclusão de alunos com dificuldades de aprendizagem, de acordo com uma visão inclusiva, aceitar as diferenças significa respeitar as características, interesses e motivações de cada criança, o que só pode ser alcançado por meio da criação de estratégias e recursos pedagógicos eficientes.

Palavras-chaves: Lúdico, Inclusão, Alfabetização, Aprendizagem.

Introdução

No início do processo de alfabetização jesuítica no Brasil até a proclamação da República, a ordem alfabética tinha como objetivo que os alunos aprendessem a ler, escrever, contar, mas com passar do tempo e o desenvolvimento da população, a mera capacidade de ler e escrever já não é mais suficiente para que o sujeito ocupe um lugar no meio social, e é nessa situação que entra a alfabetização e letramento com o objetivo de alcançar um contexto social, desenvolvendo habilidades que permitam aos alunos interagir com confiança em seu contexto social dominando os usos sociais da leitura e da escrita.

Problemas relacionados às dificuldades de aprendizagem em ambientes escolares são muito comuns e têm sido amplamente discutidos na comunidade escolar, e suas causas podem estar relacionadas a fatores extrínsecos ou intrínsecos pessoais causados por condições prejudiciais à aprendizagem, como déficits sensoriais, baixo nível socioeconômico, problemas cognitivos e neurológicos, etc. Por ser um tema que tem sido 1alvo de diversas discussões, oque permite a reflexão sobre os métodos utilizados por professores no processo de alfabetização e letramento, nesse caso as estratégias lúdicas que se tornou um meio de promover o processo educativo mais dinâmico e interativo, contribuindo assim significativamente para aprendizagem de crianças com dificuldades, ao permitir mais a interação da criança, envolvendo elementos como jogos, brinquedos, música.

O presente estudo visa refletir e analisar sobre o problema das dificuldades de aprendizagem dos alunos em período de alfabetização e as estratégias pedagógicas e lúdicas utilizadas por professores no processo de aquisição da leitura e escrita, pois todos tem direito de aprender, mas nem sempre esse direito é garantido ou aplicado, e nesse processo que essas dificuldades e fatores podem ser agravados e se acentuar.

2 Ludicidade na alfabetização de crianças com dificuldade de aprendizagem[2]

A alfabetização é definida como um processo de aprendizagem em que a capacidade de ler e escrever corretamente é desenvolvida e utilizada como um código de comunicação, e o letramento decodifica esse código para que o aluno não apenas decore palavras, mas também compreenda o que é lido e perceba se e o conteúdo relevante para o seu convívio social. Nesse sentido, a alfabetização determina o comportamento educacional, desenvolver a prática social da leitura e da escrita em contextos de uso tangível, iniciando um amplo processo que possibilita aos indivíduos o uso consciente da escrita em várias situações sociais.

Para Soares (2004):

> Letramento é a palavra e conceito recente, introduzido na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassam o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível da aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização. (SOARES, 2004, p. 20)

1 Graduanda em pedagogia pela UFPA. Contato: jeane.souzav@gmail.com

A habilidade de ler e escrever serve como uma ferramenta que concede aos indivíduos a entrada no conhecimento que foi moldado e determinado pela sociedade e pela história, além disso, funciona como um mecanismo para gerar conhecimento não mapeado.

O processo de ensino da escrita não pode envolver apenas a memorização de letras, sílabas ou palavras, pois é necessário incluir o componente falado para o aluno.

Para adquirir a tecnologia da escrita, é fundamental compreender a ligação entre letras (menores unidades gráficas) e fonemas (menores unidades sonoras).

Ferreiro (1995) formulou quatro hipóteses para o desenvolvimento da escrita, com base em três níveis identificados.

No primeiro e segundo estágios de aquisição da linguagem, a hipótese pré-silábica é mais comumente aceita. É nesse momento que a criança começa a distinguir as diferentes representações gráficas, sejam elas icônicas ou não icônicas, encontradas na escrita e no desenho. A terceira etapa consiste em três hipóteses diferentes: silábica, silábica-alfabética e alfabética. A hipótese silábica é definida como o reconhecimento de que uma sílaba é representada por uma unidade que dá conta tanto do aspecto quantitativo, onde uma letra não equivale a uma sílaba, quanto do aspecto qualitativo, que inclui a ortografia (letras e sons).

Segundo a hipótese silábico-alfabética, o indivíduo vivencia uma transição da fase silábica para a fase alfabética, desencadeada pela constatação da necessidade de analisar além da sílaba devido às exigências conflitantes de uma quantidade mínima de letras e formas gráficas apresentadas pelo meio (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 214).

O estágio final da evolução da escrita, conforme proposto pela hipótese alfabética, é marcado pelo domínio do indivíduo no processo de alfabetização, esta etapa é particularmente notável por sua capacidade de superar os obstáculos inerentes ao sistema de representação da linguagem escrita, e a partir desse momento também que se pode nota se a criança apresentar dificuldades de ortografia (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 219).

A menção da palavra dificuldade de aprendizagem quando geralmente mencionada remete quase que de imediato a inabilidade da criança de absorver o aprendizado apresentado pelo educador, mas no que que diz respeito ao processo de alfabetização o déficit de aprendizagem não e algo muito fácil, pois exige do educador conhecimento sobre o assunto para identificar, intervir e acompanhar os alunos, o diagnóstico de cada dificuldade apresentada deverá ser realizado por profissionais especializados e experientes e por uma equipe multidisciplinar que deve garantir um planejamento adequado e intervir visando tratar e minimizar tal déficit.

De acordo com Ide (2002), a definição de dificuldade de aprendizagem, não deve ser

interpretada como uma solução para os problemas da criança, mas sim como uma estratégia para desenvolver alternativas educacionais adequadas e diversificadas, resultantes de pesquisas sobre práticas escolares, desde o início do processo ensino-aprendizagem até a interação professor-aluno. Neste contexto, as escolas precisam de se organizar em diferentes situações de aprendizagem, tendo em conta as diferenças de ensino e de apoio ao ensino integrado, de forma a desenvolver uma aprendizagem que garanta a participação efetiva de todos os intervenientes na prática educativa, ou seja, famílias, escolas, professores e comunidade. A democratização da educação significa que todas as crianças são ou se tornam iguais, normativas e inteligentes. Portanto, para que a criança transite entre a linguagem falada e a escrita, é necessário partir de aspectos concretos, pois para ela a alfabetização se torna mais fácil por meio da brincadeira.

Por fim, o conceito de lúdico deve ser sempre concebido e pensado como um recurso pedagógico que inclui o desenvolvimento psicomotor e outros aspetos físicos e psicológicos de cada criança relacionados com a sua interação, procurando sempre envolvê-la em qualquer prática que contribua para a sua autoconsciência, especialmente na aprendizagem de alunos com dificuldade de aprendizado.

São diversas as razões pelas quais os educadores devem recorrem às atividades lúdicas e as utilizarem como recurso no processo de ensino-aprendizagem. Segundo o autor o jogo e a brincadeira apresentam valores específicos para todas as fases da vida humana. Por isso, na infância e adolescência, seu objetivo adquire caráter educativo. As crianças e até os jovens se opõem à escola e ao ensino porque acima de tudo não é divertido, não é agradável. TEIXEIRA (1995).

3 Metodologia

A pesquisa bibliográfica, segundo Fonseca (2002):

> […] A partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

O método abordado neste estudo foi o levantamento bibliográfico feito a partir da

análise de fontes secundárias buscando refletir sobre o tema. As fontes aplicadas para analise foram: livros, artigos, documentos monográficos, periódicos (jornais, revistas, etc.), textos disponíveis em sites confiáveis sobre a temática da alfabetização, leitura, escrita e a dificuldade de aprendizagem, foram examinados também artigos e anais sobre os e benefícios do lúdico como recursos para aprendizagem e inclusão.

4 Resultados e Discussão

Concluímos que, diante dessa realidade pedagógica, pode-se verificar que o processo de alfabetização é complexo e engloba uma gama de conceitos, percebemos que para ser uma pessoa letrada, é preciso assumir o controle do seu cotidiano, possibilitar diferentes tipos de textos e proporcionar aos alunos o prazer da leitura. O papel do educador é de extrema importância, pois cabe a ele analisar os perfis de seus alunos para desenvolver os métodos e práticas mais adequados para sua sala de aula. Mediar e motivar a aprendizagem dos alunos também passa a ser responsabilidade do professor. Cada indivíduo tem um ritmo e especificidade em seu desenvolvimento, seja cognitivo, social, cultural, físico ou emocional. Isso fica ainda mais evidente no processo de ensino e aprendizagem, pois é utilizado de diversas formas, a partir dessa reflexão, pode-se entender porque algumas crianças aprendem com facilidade e outras têm dificuldade; algumas precisam de mais mediação do professor, o que pode não ser necessário para outras.

Para concluir, deve se ter cuidado em não rotular as crianças como tendo dificuldades, não é incomum que crianças experimentem pequenos lapsos de atenção ou compreensão no processo de aprendizagem, principalmente quando se considera sua faixa etária. Em alguns casos, essas dificuldades podem surgir devido à forma como o professor apresenta o material, o que pode se tornar excessivamente complexo e difícil de ser compreendido pela criança. Esses desafios podem até se estender além do contexto sociocultural da criança, potencialmente dificultando seu progresso na aprendizagem. Quando elementos lúdicos são incorporados às aulas, é importante que os professores forneçam estratégias bem planejadas e estruturadas para orientar o processo de aprendizagem. O estudo atual apresenta as reflexões sobre uma abordagem dinâmica das estratégias para ajudar crianças com dificuldades em sua educação ao implementar uma abordagem pedagógica mais recreativa e acolhedora, centrou-se em atividades lúdicas pedagógicas, que foram utilizadas como principal ferramenta para reconhecer e respeitar os diversos ritmos de aprendizagem.

5 Considerações Finais

Tendo em vista a importância da linguagem oral e escrita da criança para sua inserção nas práticas sociais e em um mundo letrado, cabe à educação favorecer subsídios específicos para a construção destas competências nas crianças durante o seu processo de letramento. Alfabetizar não se resume em apenas decora os códigos linguísticos, mas permitir a criança interpretar vários tipos textuais e o mundo a sua volta.

O uso da ludicidade é uma ferramenta essencial para estimular a criatividade, a socialização e o aprendizado ao incorporar situações lúdicas às práticas pedagógicas, as crianças vivenciam a alegria e o prazer, emoções vitais no desenvolvimento de habilidades e competências. No entanto, o uso do jogo deve ser intencional e proposital, com objetivos bem definidos, a fim de criar uma nova abordagem de ensino que envolva os alunos com o conteúdo e desperte o desejo de descoberta, embora jogos e brincadeiras possam ser fontes valiosas de novos conhecimentos por si só, eles são mais eficazes quando usados em conjunto com métodos de ensino eficazes que se alinham com os objetivos educacionais. À medida que as crianças brincam, elas se tornam mais receptivas ao mundo ao seu redor, permitindo que sua sensibilidade inata venha à tona e assimile todas as informações que o ambiente tem a oferecer, tornado se uma excelente oportunidade para as crianças aprenderem e crescerem.

O conceito de ludicidade como um componente que pode auxiliar no processo de alcance de um objetivo é um tema predominante na relevância do ensino e da aprendizagem, reside na discussão dos métodos e abordagens tanto para o ensino quanto para a aquisição de conhecimento, e por meio da aprendizagem experiencial do envolvimento interativo com o assunto e da criação de conexões pessoais que a educação se torna significativa. A metodologia que o professor desempenha tem um papel crucial na melhoria da experiência de aprendizagem, o educador deve ser o responsável por buscar e desenvolver recursos didáticos que simplifiquem o processo de aprendizagem e estimulem a motivação do aluno dentro de sala.

Referências

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
FERREIRO, Emília. **Desenvolvimento da Alfabetização: psicogênese**. In: FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.
SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização:** as muitas facetas. 26ª Reunião Anual da Anped, 2004.
GOODMAN, Yetta M. (Org.). **Como as Crianças Constroem a Leitura e a Escrita:** perspetivas piagetianas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
IDE, S. M. **Dificuldades de aprendizagem:** Uma indefinição? Revista FAEEBA – Educação e contemporaneidade, Salvador, v.11, n.17, p.57-64, jan./jun., 2002.

TEIXEIRA, Carlos E. J**. A ludicidade na escola**. São Paulo: Loyola, 1995.
VIANA, Rosineide Oliveira; VIANA JUNIOR, Carlos Alberto da Cruz. **Dificuldades de Aprendizagem no Processo de Alfabetização e Letramento nas Séries Iniciais**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 2, Vol. 16. PP 235-251, Março de 2017. ISSN:2448-0959.